



24 DE MARÇO DE 2016

Quinta-feira

- NOVO LAYOFF DE 5 MESES SE DESENHA EM SÃO CAETANO
- UMA NOVA REUNIÃO ENTRE A MONTADORA E O SINDICATO FOI MARCADA PARA SEGUNDA-FEIRA, 28
- MERCEDES JÁ FAZ CARROS DE NOVO NO BRASIL
- CRISE DIMINUI NÚMERO DE EMPREGOS COM CARTEIRA ASSINADA, DIZ IBGE
- DIVÓRCIO ENTRE GRUPOS NIPPON E TECHINT NA USIMINAS PODE OCORRER EM UM ANO
- DESEMPREGO ATINGE 9,6 MILHÕES NO BRASIL E VAI AO MAIOR NÍVEL DESDE 2012
- PUXADA POR MICROEMPREENDEDOR, CRIAÇÃO DE EMPRESAS FOI RECORDE EM JANEIRO
- MERCEDES-BENZ INAUGURA FÁBRICA DE IRACEMÁPOLIS E COMEÇA A PRODUZIR O SEDÃ DE LUXO CLASSE C
- MAIOR PROBLEMA DO BRASIL É O DESAJUSTE FISCAL, DIZ PRESIDENTE DA MERCEDES-BENZ
- ACÇÕES EUROPEIAS RECUAM PRESSIONADAS POR MINERADORAS, MAS CREDIT SUISSE SOBE
- MÓDULO ROTATIVO DINÂMICO PARA MONTAGEM DE ELETRÔNICOS
- BMW LEVA VEÍCULOS AUTÔNOMOS À FÁBRICA PARA REDUZIR CUSTOS
- DOIS TERÇOS DA INDÚSTRIA TÊM PREJUÍZOS COM FALHAS DE FORNECIMENTO DE ENERGIA ELÉTRICA
- MWM VAI EXPORTAR MOTORES PARA A DOOSAN INFRACORE
- AJUSTE DE ESTOQUES E AS EXPORTAÇÕES ELEVAM CONFIANÇA DO SETOR INDUSTRIAL
- USIMINAS É RECONHECIDA ENTRE OS MELHORES FORNECEDORES DA TOYOTA
- CONTA DE LUZ DEVE CAIR 11,5% EM JUNHO, DIZ COPEL
- CRISE ECONÔMICA AMPLIA PRECARIZAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO, DIZ IBGE
- ÍNDICE DE PREÇOS DAS EXPORTAÇÕES RECUA 19,4% EM FEVEREIRO, DIZ FUNCEX
- COBRE OPERA EM QUEDA EM LONDRES E EM NY COM REALIZAÇÃO DE LUCROS

- REDUÇÃO DO EMPREGO É GENERALIZADA, DIZ IBGE
- QUEDA DO PIB EM MINAS É REFLEXO DA MENOR PRODUÇÃO DE ENERGIA, MINERAÇÃO E RETRAÇÃO DE SETORES
- NÚMERO DE EMPRESAS CRIADAS SOBE 10,4% EM JANEIRO E BATE RECORDE, DIZ SERASA
- CNI: 52% DAS INDÚSTRIAS BUSCARAM REDUZIR CUSTOS

CÂMBIO EM 24/03/2016		
	Compra	Venda
Dólar	3,703	3,704
Euro	4,133	4,135

Fonte: BACEN

Novo layoff de 5 meses se desenha em São Caetano

24/03/2016 - Fonte: Automotive Business



A **General Motors** deve mesmo conceder **layoff** de cinco meses para cerca de 1,2 mil trabalhadores em sua fábrica de São Caetano do Sul (SP). Outra situação que se desdenha é o pagamento do reajuste salarial deste ano em forma de abono, metade em abril e o restante em agosto.

A montadora e o sindicato dos metalúrgicos do município se reuniram na terça-feira, 22, mas alguns impasses ainda persistem na negociação. "Tem coisas que não concordamos, como a retirada da cláusula de garantia de emprego em caso de doença profissional, além da redução do adicional noturno de 30% para 25%, que já foi descartada", disse o sindicalista.

Por lei o adicional noturno é de 20% e esta havia sido a oferta inicial da empresa, há uma semana, mas o sindicato manteve a recusa também da proposta intermediária. Outros impasses ocorrem sobre a eventual prorrogação do layoff. "Queremos os cinco meses prorrogáveis por mais cinco, mais seis salários como multa em caso de demissão. A GM quer prorrogação de três meses sem a multa", afirma o diretor executivo do sindicato, Agamenon Alves.

Entre os itens acordados estão o reajuste de 2017, em que 60% da inflação será

incorporada aos salários e o restante dos 40% restantes entrarão em forma de abono em abril do ano que vem.

Outras propostas sugeridas pela empresa são o pagamento da primeira parcela da Participação nos Lucros e Resultados (PLR) em 10 de junho e a compensação do banco de horas em dois sábados por mês assim que o mercado de automóveis reagir.

Uma nova reunião entre a montadora e o sindicato foi marcada para segunda-feira, 28

24/03/2016 - Fonte: Automotive Business



Takahiro Hachigo, CEO da Honda, entrega carro ao vice-ministro da Economia, Comércio e Indústria do Japão, Tsuyoshi Hoshino.

A **Honda** apresentou no Japão a primeira unidade do Clarity Fuel Cell, primeiro carro da marca movido a célula de combustível a ser produzido em série. Em cerimônia que contou com a presença do CEO, Takahiro Hachigo, a companhia entregou o veículo ao ministério de Economia, Comércio e Indústria do Japão (METI).

A empresa busca estabelecer a estrutura de abastecimento para o carro trabalhando em uma série de parcerias público-privadas. O objetivo é tornar a novidade conhecida e prática para o consumidor, o que tende a estimular a demanda pelo automóvel.

Segundo a empresa, o lançamento é parte do esforço da companhia para criar a "sociedade do hidrogênio". A Honda irá contribuir para esse objetivo desenvolvendo novas tecnologias e oferecendo automóveis movidos por células de hidrogênio cada vez mais atraentes para nossos consumidores, por preços acessíveis", declarou em comunicado Hachigo.

O Clarity Fuel Cell é um sedã para cinco ocupantes que promete autonomia de 750 quilômetro, segundo medições da fabricante. A Honda aponta que a distância é cerca de 30% superior à de carros a célula de combustível desenvolvidos até então. A companhia destaca que, além de ecológico, o carro é prático: são necessários apenas três minutos para abastecer completamente o tanque de hidrogênio, segundo a empresa.

Mercedes já faz carros de novo no Brasil

24/03/2016 - Fonte: Automotive Business



Treze meses após assentar a pedra fundamental de sua 26ª fábrica de automóveis no mundo, a Mercedes-Benz colocou para funcionar oficialmente a planta de Iracemápolis, no interior paulista, onde estima ter investido pouco acima de R\$ 600 milhões para poder voltar a montar carros no Brasil – após a tentativa frustrada em

Juiz de Fora (MG) que durou de 1999 a 2010, quando o empreendimento foi convertido para a produção de caminhões.

“Ainda lembro quando vim aqui pela primeira vez e só havia uma grande plantação de cana-de-açúcar. Foi um recorde na história da companhia construir todo o complexo industrial em pouco mais de um ano”, destacou Markus Schäfer, membro do board da Mercedes-Benz Cars responsável por manufatura e logística, durante a cerimônia de inauguração na quarta-feira, 23.

Schäfer assegura que o aprofundamento da crise econômica no Brasil não alterou em nada os planos da empresa: “Estamos aqui há 60 anos e continuamos a enxergar grande potencial de crescimento no País, que é uma das maiores economias entre os países onde vendemos carros.

Nosso investimento é de longo prazo e está em linha com o plano de expansão da companhia até 2020, com o objetivo de tornar a Mercedes-Benz a marca de automóveis premium mais vendida no mundo”, afirma. “Em 2015 nossas vendas de carros no mercado brasileiro cresceram 50% (17 mil unidades), mesmo em tempos difíceis. Acreditamos no portfólio de produtos que temos a oferecer e por isso devemos continuar a ganhar participação aqui”, completa.

Os dois carros que começam a ser montados no Brasil este ano, primeiro o sedã Classe C e depois o SUV GLA, continuarão sendo vendidos pelos mesmos valores dos importados, pois segundo a Mercedes-Benz a produção nacional não reduz os custos o bastante para isso, principalmente por causa da grande quantidade de peças importadas em momento de câmbio desfavorável. Ainda assim, a fábrica brasileira ao menos ajuda a não aumentar a tabela.

“Nossa estratégia é oferecer preços competitivos e esta planta nos ajuda a fazer isso mais rápido do que apenas importando”, diz Schäfer. Ele acrescenta que, no momento, não há planos de exportar a partir do Brasil, o objetivo é suprir só o mercado doméstico.

RITMO LENTO E FLEXÍVEL



Com capacidade inicial para montar até 20 mil carros por ano, a planta paulista começa as atividades em ritmo bem mais lento. Os 600 empregados já contratados montam em um turno de trabalho, de segunda a sexta-feira, 50 unidades/dia do sedã Classe C, o que soma o máximo de 12 mil/ano.

Por enquanto, o carro já chega da Alemanha com a carroceria soldada e pintada, pois só a linha de montagem final entrou em operação efetiva, agregando muitas partes importadas e algumas nacionais como bancos e pneus – a Mercedes não informa qual é o percentual de nacionalização dos veículos, apenas reforça que cumpre as normas do Inovar-Auto, programa que permite elevado grau de componentes importados para operações de baixo volume, abaixo de 34 mil unidades/ano.

“Vamos crescer conforme a demanda, temos espaço para isso, podemos fazer até outros modelos se o mercado quiser”, assegura Schäfer. “A principal vantagem desta planta é a flexibilidade, que já é uma referência para todo o grupo. Podemos fazer aqui qualquer um dos automóveis Mercedes-Benz, sobre qualquer plataforma, com

motor transversal ou longitudinal, tração dianteira, traseira ou integral. Nenhuma outra fábrica do grupo é tão flexível”, explica.

A Mercedes também não informou o número de fornecedores já contratados no Brasil, diz apenas que “são todos parceiros globais que têm fábricas no País”. Desses, por exemplo, sabe-se que a Lear fornece os bancos a partir de sua fábrica em São Bernardo do Campo (SP). O maior contrato firmado até agora não é exatamente de compra de peças, mas de serviços.

A também alemã ZF foi contratada para fazer a montagem de partes fornecidas pela Mercedes, incluindo o powertrain com motor, câmbio, radiador e eixo dianteiro, além do eixo traseiro completo. Parte da operação, como montar os periféricos do motor e agregar sistemas de freios nos eixos, será feita por 42 funcionários da ZF em Sorocaba (SP) e a etapa final da montagem vai ser executada por 25 pessoas em uma área de 2 mil metros quadrados dentro da planta de Iracemápolis, cedida à sistemista para isso.

Segundo a Mercedes, os 600 funcionários da planta passaram por 63 mil horas de treinamento, principalmente em um centro do Senai montado para esse fim em Iracemápolis. Depois disso, 90 deles foram enviados ao exterior para estagiar em plantas na Índia, Hungria, Alemanha e Tailândia.

Schäfer lembra que a qualificação de mão-de-obra é um dos fatores mais importantes para o bom funcionamento da fábrica brasileira, que tem muitas das operações executadas manualmente, não só por questão de baixo volume de produção, mas também porque essa é uma estratégia mundial da companhia:

“Nosso objetivo é reduzir o número de robôs, porque eles são inflexíveis e não permitem a produção mais variada de modelos. Vamos manter maiores níveis de automação somente onde isso for necessário, em operações para garantir mais qualidade nos processos ou que representem risco à saúde dos empregados”, explica.

No segundo semestre começa a produção do segundo modelo em Iracemápolis, o SUV GLA, e também entram em operação as áreas de funilaria (armação de carroceria) e pintura, quando mais fornecedores locais poderão ser nomeados. A fábrica só não terá área de estamparia, pois os volumes não compensam os investimentos vultosos em prensas e ferramental. Assim as partes estampadas da carroceria seguirão sendo importadas de plantas na Alemanha.

A VOLTA DOS CARROS MERCEDES



O presidente da Mercedes-Benz do Brasil e CEO para a América Latina, Philipp Schiemer participou diretamente da decisão da companhia de voltar a produzir carros no País, que começou a ser desenhada antes de assumir seu posto aqui, quando ele estava na Alemanha e era vice-presidente de marketing de produto da divisão de automóveis da lendária marca da estrela de três pontas.

“Em 2011 começamos a fazer nosso plano 2020, com o objetivo de alcançar a liderança do mercado global de veículos premium. Então analisamos quais mercados apresentavam potencial para esse crescimento e o Brasil surgiu naturalmente. Mas aí Juiz de Fora não estava mais disponível.

Ainda havia espaço no terreno lá para outra fábrica, mas a logística não favorecia. Depois, em 2012, foi lançado o Inovar-Auto e ninguém conseguiria crescer aqui sem uma fábrica. Começamos a procurar um lugar e em 2013 chegamos a Iracemápolis", conta o executivo.

Schiemer garante que os benefícios recebidos em Iracemápolis dos governos estadual e municipal serviram "apenas para adoçar o bolo, pois não é possível investir em uma fábrica baseada em incentivos que não se sabem se vão continuar". Segundo o executivo, o que mais pesou na decisão foi a infraestrutura local, localização próxima de muitos fornecedores e mão-de-obra qualificada.

O insucesso da produção de carros no Brasil em passado recente, quando a fábrica de Juiz de Fora não chegou nem à metade da capacidade de 60 mil/ano, segundo Schiemer teve efeito pedagógico para a empresa:

"Aprendemos muito com os erros que cometemos em Juiz de Fora, onde fizemos o produto errado no momento errado. O (antigo) Classe A era um bom carro, mas na época muito caro para o consumidor brasileiro e nossas ambições eram altas demais.

A desvalorização cambial (do fim de 1998) bem na hora que começamos a produzir tornou as coisas ainda mais difíceis, pois o modelo tinha muitos componentes importados.

Hoje a situação é bem diferente. O mercado premium está crescendo, aumentamos a participação no segmento (contra os rivais Audi e BMW) para 37% e vamos fazer em Iracemápolis os dois modelos que já são os que mais vendemos aqui. Por isso dessa vez vai ser diferente."



Crise diminui número de empregos com carteira assinada, diz IBGE

24/03/2016 - Fonte: Folha de S. Paulo

Mais de 1,3 milhão de trabalhadores com carteira assinada perderam o emprego no último ano, de acordo com dados divulgados pelo IBGE nesta quinta-feira (24). É o maior número desde o início da série, em 2012, e representa a precarização do mercado de trabalho no país, de acordo com o coordenador da Pnad Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), Cimar Azeredo.

"O aumento do número de trabalhadores com carteira assinada nos últimos anos foi uma das grandes conquistas do país. E uma grande parte da crise atual (no mercado de trabalho) é a perda da estabilidade", afirmou ele.

A estatística considera o trimestre entre novembro de 2015 e janeiro de 2016, quando a taxa de desemprego no país chegou a 9,5%, também a maior da série da Pnad Contínua.

Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, a queda do número de trabalhadores com carteira assinada foi de 3,6%. O contingente de empregados sem carteira também caiu: 5,9%, ou 614 mil pessoas.

Como consequência, houve aumento de 6,1% do contingente de trabalhadores por conta própria, que chegou a 23 milhões de pessoas. Estes foram os únicos a apresentar queda expressiva no rendimento, de 4,1%, para R\$ 1.495.

"O mercado de trabalho apresentou um quadro de redução generalizada", disse Azeredo. "Se o cenário econômico não está favorável, isso vai se refletir no mercado de trabalho, podendo levar a um círculo vicioso: menos trabalhadores com carteira, menos rendimento e menos massa salarial", completou.

Outra consequência da queda do emprego formal é o aumento do número de empregados domésticos no país. No trimestre terminado em janeiro, 6,3 milhões de pessoas trabalhavam em serviços domésticos, alta de 5,2% com relação ao mesmo período do ano anterior.

Divórcio entre grupos Nippon e Techint na Usiminas pode ocorrer em um ano

24/03/2016 - Fonte: R7

O fim da conturbada relação entre os grupos Nippon Steel e Techint na Usiminas pode ocorrer dentro de um ano, com os sócios já discutindo a divisão das plantas da maior produtora de aços planos do país, afirmou uma fonte próxima do assunto.

Na separação da Usiminas, a Nippon ficaria com a usina de Ipatinga, que tem capacidade para cerca de 4 milhões de toneladas de aço por ano, e a Techint ficaria com a unidade de Cubatão, que possui capacidade semelhante mas teve a produção da liga totalmente paralisada no início deste ano.

"A Nippon já chegou à conclusão de que é preciso haver um divórcio", disse a fonte. "Isso tem que acontecer em um ano, não há mais clima de convívio ou confiança."

Segundo a fonte, a divisão da Usiminas seria uma solução em que ambos os grupos, que estão em conflito há meses em torno da gestão da companhia, poderiam sair como "ganhadores".

A Techint entrou no grupo de controle da siderúrgica brasileira no início de 2012 depois de ter acertado a compra da participação no final de 2011 aceitando pagar um preço que embutia um ágio de mais de 80 por cento aos valores da época.

Se ficar com a unidade em Cubatão, a Techint ainda terá acesso ao porto da unidade e também ao laminador concluído em 2012 e que recebeu investimentos de 2,5 bilhões de reais.

Enquanto isso, a Nippon considera a Usiminas como estratégica para atender clientes na América do Sul além de ter investido na companhia desde o início de sua criação, no fim da década de 1950, e se comprometido recentemente a injetar até 1 bilhão de reais até o final deste semestre em uma capitalização da empresa que atravessa sérias dificuldades financeiras.

Procurada, a Nippon Steel no Brasil não comentou o assunto. O grupo japonês afirmou que "os esforços da companhia estão voltados a permitir que a Usiminas tenha condições de suportar o atual momento do mercado".

Em meados de fevereiro, uma fonte afirmou à Reuters que a Nippon Steel seguia interessada em comprar a participação do grupo Techint na Usiminas se a sócia eventualmente decidisse sair do negócio.

Representantes da Techint não puderam comentar o assunto de imediato.

Analistas do Itaú BBA afirmaram em nota a clientes que acreditam que a divisão da Usiminas em duas partes é "uma solução provável... e seria positiva para a Techint já que encerraria o conflito (com a Nippon) e reduziria o risco de novos aumentos de capital na Usiminas".

Além disso, segundo os analistas, para a Usiminas a separação das usinas seria positiva pois solucionaria o conflito societário e poderia levar a alguma injeção de capital por meio da venda da usina de Cubatão à Techint.

O caixa da Usiminas tinha se reduzido nesta semana a um valor de 100 milhões a 200 milhões de reais, afirmou a fonte, e se a empresa não tivesse conseguido um acordo com os bancos credores da empresa para suspensão de obrigações financeiras por 120 dias, a empresa ficaria sem recursos para tocar suas operações a partir de abril.

O acordo com os bancos só foi possível após a aprovação pelo Conselho de Administração da empresa, na semana passada, de aumento de capital de 1 bilhão de reais.

Segundo a fonte, a capitalização garantiria a entrada, ainda neste ano, de mais 600 milhões de reais vindos do caixa da Mineração Usiminas, mineradora dividida entre a Usiminas e a japonesa Sumitomo Corporation.

Além destes recursos, a companhia poderá contar ainda com cerca de mais 400 milhões de reais advindos da venda de ativos que incluem o edifício sede em Minas Gerais e a empresa de bens de capital Usiminas Mecânica.

"Estes recursos devem dar para pelo menos 2 anos", disse a fonte, acrescentando que paralelamente a Usiminas já iniciou processo de renegociação das dívidas envolvendo prazo de carência e amortização.

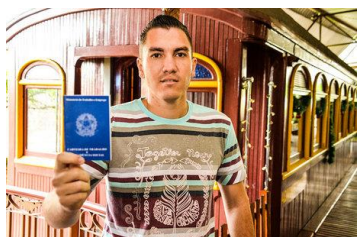
A Usiminas encerrou o quarto trimestre com prejuízo de 1,6 bilhão de reais e deve ter outro resultado fraco no início deste ano diante dos impactos da reestruturação em que se viu forçada a parar a produção de aço em Cubatão e a demitir cerca de 2.000 funcionários diretos da unidade.

Porém, segundo a fonte, os resultados da companhia devem melhorar a partir do terceiro trimestre como resultado dos esforços de ajuste de sua capacidade à demanda por aço do mercado brasileiro, que segue em queda livre.

No primeiro bimestre, as vendas de laminados planos no Brasil, principal mercado da Usiminas, despencaram 24 por cento sobre o mesmo período do ano passado, para 1,4 milhão de toneladas, segundo dados do Instituto Aço Brasil (IABr).

Desemprego atinge 9,6 milhões no Brasil e vai ao maior nível desde 2012

24/03/2016 - Fonte: R7



O Brasil ganhou 545 mil desempregados entre os meses de novembro de 2015 e janeiro de 2016, atingiu a soma de 9,6 milhões de pessoas sem trabalho e bateu recorde de pessoas desocupadas.

Trata-se do maior valor absoluto de desempregados desde 2012, quando a pesquisa passou a ser feita pelo instituto.

Os dados estão na Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) Contínua, divulgada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) nesta quinta-feira (24).

Os 545 mil novos desocupados verificados nos três meses representam uma alta de 6% em relação a outubro de 2015, quando havia 9,1 milhões de desempregados no País.

Na comparação anual, o número de desempregados aumentou 42,3%, o que significa 2,9 milhões de pessoas a mais sem trabalho formal de janeiro de 2015 a janeiro deste ano.

O total de desempregados verificado no trimestre encerrado em janeiro corresponde a 9,5% dos trabalhadores — bem acima dos 9% constatados no trimestre compreendido entre agosto e outubro de 2015 (última pesquisa feita até então).

Comparando os três meses encerrados em janeiro deste ano com o mesmo período de 2015, o resultado é pior: a desocupação era de 6,8% naquela época.

A população ocupada perdeu 656 mil pessoas na comparação entre o trimestre terminado em janeiro deste ano com aquele encerrado em outubro de 2015. Agora, o Brasil conta com 91,7 milhões de pessoas com trabalho formal. Na comparação anual, considerando o período entre novembro e janeiro de 2015 e de 2016, 1 milhão de pessoas perdeu o emprego, segundo o IBGE.

A diferença entre as pessoas que perderam empregos e aqueles que estão desempregados oficialmente existe porque nem todos os brasileiros demitidos continuam a procurar trabalho.

Desemprego por área

As principais retrações no nível de emprego, em janeiro de 2016 comparando com outubro de 2015, foram verificadas na indústria geral (queda de 4,1%) e em informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias profissionais e administrativas (queda de 4,9%). Por outro lado, aumentou o nível de emprego na construção — aumento de 3,3% em relação a outubro de 2015.

Na comparação anual dos trimestres encerrados em janeiro de 2015 e de 2016, houve aumentos em serviços domésticos (5,2%), transporte, armazenagem e correio (4,3%), alojamento e alimentação (4,1%) e administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais (2,1%).

Na contramão, foram registradas quedas na indústria geral (-8,5%), informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas (-7,7%) e agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (-2,4%).

Seu bolso

Para aqueles brasileiros que permanecem empregados, o rendimento médio real ficou em R\$ 1.939 em janeiro de 2016 — estabilidade em relação a outubro de 2015, quando a renda média real era de R\$ 1.948. Em janeiro de 2015, o salário médio real estava em R\$ 1.988.

Na comparação com o trimestre de agosto a outubro de 2015, apenas serviços domésticos teve aumento no rendimento médio (1,8%).

Já em relação ao mesmo trimestre de 2015, os salários tiveram o maior recuo nos seguintes grupo: transporte, armazenagem e correio (diminuição de 7,2%) e de comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas (queda de 5%).

Puxada por microempreendedor, criação de empresas foi recorde em janeiro

24/03/2016 - Fonte: R7

O número de empresas criadas no Brasil bateu recorde no mês de janeiro, registrando alta de 10,4% em relação ao mesmo mês do ano passado, com o registro de mais de 166 mil novos cadastros de pessoa jurídica (CNPJ), maior patamar para o mês no acompanhamento iniciado há seis anos pela Serasa Experian.

A maior quantidade de novas empresas foi criada na modalidade Microempreendedor Individual (137.301), esquema simplificado de formalização para quem estima um faturamento de no máximo R\$ 60 mil por ano. Segundo a Serasa, isso reflete o período de retração da economia, no qual as pessoas que perdem o emprego veem a abertura de um negócio como alternativa.

O nascimento de Empresas Individuais (12.033) teve retração de 11,8% em janeiro, na comparação com o mesmo mês de 2015. A abertura de Sociedades Individuais (11.752) também apresentou recuo de 8,9%. Empreendimentos de outra natureza (6.949) tiveram alta de 7,5%.

O setor de serviços foi o mais procurado, correspondendo a 62,6% dos novos empreendimentos, seguido pelo comércio (28,7%). A indústria respondeu por apenas 8,4% dos nascimentos de empresas em janeiro de 2016.

O Indicador Serasa Experian de Nascimento de Empresas é feito a partir do levantamento de novas empresas criadas nas juntas comerciais dos estados e da apuração de CNPJs consultados pela primeira vez nos cadastros da consultoria.

Mercedes-Benz inaugura fábrica de Iracemápolis e começa a produzir o sedã de luxo Classe C

24/03/2016 - Fonte: R7



Mercedes-Benz inaugura fábrica de Iracemápolis e começa a produzir o sedã de luxo Classe C. Unidade recebeu mais de R\$ 600 milhões em investimentos para produzir até 20 mil carros.

A Mercedes-Benz inaugurou nesta quarta-feira (23) sua nova fábrica de automóveis em Iracemápolis, município vizinho a Campinas, no interior paulista. A unidade começou a operar após apenas 19 meses do início das obras — a pedra fundamental foi lançada em fevereiro de 2015.

As máquinas foram simbolicamente acionadas por executivos da montadora e autoridades, dentre eles o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, que fez discurso neutro, sem comentar os últimos acontecimentos políticos — como a nova fase da operação Lava-Jato e o processo de Impeachment contra a presidente da República, Dilma Rousseff.

Na sequência, dezenas de colaboradores subiram ao palco acompanhados da primeira unidade do sedã de luxo Classe C produzida na linha de montagem. A fábrica de Iracemápolis recebeu mais de R\$ 600 milhões em investimentos e estreia gerando cerca de 500 novos postos de trabalho, com capacidade instalada para entregar até 20 mil modelos por ano.

O primeiro a ser nacionalizado é o Classe C, e, a partir de agosto, entra em linha o SUV compacto GLA. Segundo Markus Schäfer, membro da alta cúpula da montadora, a missão é produzir carros com o mesmo padrão de qualidade dos europeus, porém configurados para o público brasileiro.

— Vamos enfatizar três pilares: conectar nossas fábricas ao redor do mundo, produzir carros modernos e enfrentar este difícil momento econômico no mundo de forma conjunta.

Para tanto, teremos um time altamente capacitado e capaz de driblar as adversidades, entregando veículos de elevado nível de qualidade e sofisticação. Assim será nossa forma de celebrar os 60 anos da Mercedes-Benz no Brasil.

Essa unidade conta com as mais modernas inovações e tecnologias de montagem da atualidade. Nós entregaremos excelentes carros sob medida para o consumidor. São feitos no Brasil para os brasileiros.

Por enquanto, só CKD.

Durante a visita às instalações, vimos uma linha de montagem ainda em processo de implementação. Na prática, a unidade de Iracemápolis funcionará neste início apenas em esquema de CKD (Completely Knock-Down), que consiste na montagem das peças, que chegam da Europa pré-montadas e separadas em kits.

As partes já vêm inclusive pintadas, e não há robôs de soldagem da carroceria. No entanto, apesar de operar com certa simplicidade, a montadora investiu em outros aspectos. A unidade produz, por exemplo, 50% da energia elétrica que consome por meio de processos considerados ecológicos.

A fábrica de Iracemápolis é a terceira da Mercedes-Benz no Brasil, porém a única a produzir automóveis — as outras duas unidades, São Bernardo do Campo (SP) e Juiz de Fora (MG), produzem caminhões, vans e ônibus. Sua estreia ocorre no ano em que a montadora alemã completa 60 anos de atividades no País.

O primeiro veículo nacional da marca foi montado em 1956. A princípio, apenas o Classe C e o GLA serão nacionalizados. A razão é simples: os dois respondem por 50% das vendas da marca. O sedã é o best-seller, enquanto o SUV se tornou estratégico diante do sucesso do segmento, que tem "ignorado" a forte crise.

Maior problema do Brasil é o desajuste fiscal, diz presidente da Mercedes-Benz

24/03/2016 - Fonte: R7

No dia da inauguração da fábrica de automóveis da Mercedes-Benz no Brasil, com investimentos superiores a R\$ 600 milhões, o presidente da montadora alemã no Brasil e CEO América Latina, Philipp Schiemer, fez duras críticas à política econômica do País e cobrou reformas para acabar, principalmente, o desajuste fiscal nas contas públicas.

"O maior problema do Brasil é o desajuste fiscal. O investidor olha as contas públicas desajustadas e considera difícil investir", disse Schiemer logo após a cerimônia de abertura da unidade produtiva, em Iracemápolis (SP).

Sem comentar questões políticas do País, o executivo afirmou que o Brasil "perdeu toda a credibilidade" conquistada nos últimos anos e ampliou as críticas para o campo da macroeconomia, citando a inflação alta e a volatilidade cambial como entraves adicionais para a retomada. "O Brasil tem que voltar a crescer e a inflação cair; o cenário não está a vista no longo prazo", avaliou.

No curto prazo, Schiemer afirmou que a variação cambial é o maior problema da montadora, que, apesar de iniciar a produção de veículos nacionais, ainda depende de componentes importados para a montagem. "Você olha para o final do ano, vê um dólar a R\$ 4 ou a R\$ 3,20? Ninguém sabe. O maior problema que temos hoje, em 2016, é o câmbio", completou o presidente da Mercedes-Benz do Brasil, citando ainda as dificuldades de repassar a alta nos custos para os veículos.

A fábrica inaugurada nesta quarta-feira, 23, tem capacidade de produção máxima de 20 mil unidades por ano caso os dois turnos fossem completos. No entanto, a montadora deve iniciar a produção com 12 mil veículos de capacidade em um turno e com a suspensão de um segundo turno de produção, planejado para 2017, por conta das incertezas econômicas e do mercado.

Com isso, a unidade começa a produção com 500 funcionários e os planos de dobrar a força de trabalho também estão suspensos. "Não vamos chegar (à capacidade máxima da fábrica) na velocidade que planejávamos. Queríamos iniciar segundo turno em 2017 na nova fábrica, mas não iremos", explicou Schiemer. "Mas a flexibilidade da fábrica faz com que possamos responder rapidamente à reação do mercado".

Já Markus Schäfer, membro do Board Mercedes-Benz Automóveis, Produção e Logística, procurou minimizar os efeitos da crise brasileira e afirmou que os investimentos da montadora são feitos para o longo prazo. "Não estamos no Brasil no curto prazo; olhamos para o futuro. O País é uma das maiores economias do mundo e esperamos que as dificuldades sejam superadas", ponderou.

Ações europeias recuam pressionadas por mineradoras, mas Credit Suisse sobe

24/03/2016 - Fonte: R7

As ações europeias recuaram nesta quarta-feira, com as mineradoras e petrolíferas liderando as perdas devido aos preços mais fracos de commodities, enquanto o Credit Suisse teve desempenho melhor após dizer que vai cortar mais custos.

O índice das principais ações europeias FTSEurofirst 300 teve queda de 0,11 por cento, a 1.336 pontos, enquanto o índice de blue chips da zona do euro Euro Stoxx 50 caiu 0,29 por cento para 3.042 pontos.

O índice de matérias-primas STOXX Europe 600 Basic Resources recuou 2,1 por cento, a maior queda setorial, com o declínio dos preços dos metais após o dólar se fortalecer. O Credit Suisse subiu 0,9 por cento após anunciar cortes de custos adicionais de 800 milhões de francos suíços (820,4 milhões de dólares) e que planeja encolher seu banco de investimento ainda mais com cortes de 2 mil empregos, conforme segue com seu plano de reestruturação.

- .Em LONDRES, o índice Financial Times avançou 0,10 por cento, a 6.199 pontos.
- .Em FRANKFURT, o índice DAX subiu 0,33 por cento, a 10.022 pontos.
- .Em PARIS, o índice CAC-40 perdeu 0,18 por cento, a 4.423 pontos.
- .Em MILÃO, o índice Ftse/Mib teve desvalorização de 1,26 por cento, a 18.462 pontos.
- .Em MADRI, o índice Ibex-35 registrou baixa de 0,72 por cento, a 8.927 pontos.
- .Em LISBOA, o índice PSI20 desvalorizou-se 0,77 por cento, a 5.153 pontos.

Módulo rotativo dinâmico para montagem de eletrônicos

24/03/2016 - Fonte: CIMM

Schunk ERD é um módulo rotativo sem precedentes que foi particularmente desenvolvido para aplicações na montagem de eletrônicos, bens de consumo e para a indústria farmacêutica; o módulo compacto de giro sem fim é equipado com duas

passagens de ar comprimido integradas. Disponível opcionalmente com quatro passagens elétricas e encoder absoluto certificado SIL2.

O novo módulo possibilita economia de espaço, alto torque, sistemas de montagem em alta velocidade que também atendem aos mais altos padrões de produtividade das máquinas. O módulo rotativo da líder competente em tecnologia de fixação e sistemas de garras é atuado por um motor sincronizado sem escova com excitação permanente.

Sua geometria especial garante alta dinâmica e aceleração. Além disso, devido às passagens de ar integradas, os atuadores pneumáticos conectados ao módulo podem ser atuados mais rapidamente. Estes dois fatores combinados garantem um ciclo de tempo reduzido e alta produtividade.

O encoder de posicionamento absoluto elimina a necessidade da referência, economizando tempo de giro durante o início de ciclo ou após uma parada de emergência. Ademais, a precisão é aperfeiçoada, atingindo incríveis 0.01°.

Um grande número de pólos garantem que, o módulo da empresa familiar inovadora, gere um alto torque nominal de mais de 1.2 Nm, mesmo em baixas velocidades. O fato do módulo quase não ter partes que sofrem desgaste, resulta em alta longevidade. Para comando do módulo, pode ser utilizado um driver de atuação Bosch-Rexroth IntraDrive CS.

O módulo Schunk ERD está disponível em tamanhos de 04, 08 e 12; essas definições também correspondem ao torque nominal de 0.4, 0.8 ou 1.2 Nm. Opcionalmente, o módulo conta com a proteção classe IP40 ou IP54.

BMW leva veículos autônomos à fábrica para reduzir custos

24/03/2016 - Fonte: CIMM

A BMW está levando seus esforços do segmento de veículos autônomos para as fábricas, testando carrinhos robóticos do tamanho de malas como parte de um investimento em automação que ajudará a empresa a reduzir os custos em 5 por cento por carro anualmente.

Em um projeto iniciado neste mês no centro de logística da BMW em Wackersdorf, Alemanha, os veículos encontram o contêiner com as peças desejadas de forma autônoma, deslizam-se por baixo dele e o transportam à área de acondicionamento. O sistema economiza dinheiro em relação ao atual processo manual, com tempos de resposta mais curtos e fluxos de estoque melhorados, disse Oliver Zipse, chefe de produção da BMW, em entrevista.

"Se eu não levo as peças certas aos lugares certos de forma inteligente, a linha de montagem como um todo fica travancada de peças", disse Zipse.

A fabricante alemã planeja levar os carrinhos automatizados, que a BMW produz internamente, para outros armazéns após um teste de seis meses. O programa faz parte de um esforço mais amplo para eliminar várias centenas de milhões de euros em custos nos próximos anos para financiar o desenvolvimento de recursos de direção autônoma e outras tecnologias para os carros da empresa, investimentos que poderão demorar anos para compensar.

O CEO Harald Krüger disse na apresentação da estratégia "Next" da BMW, na semana passada, que as operações dinamizadas são "imperativas" para investir no futuro.

30 horas por carro

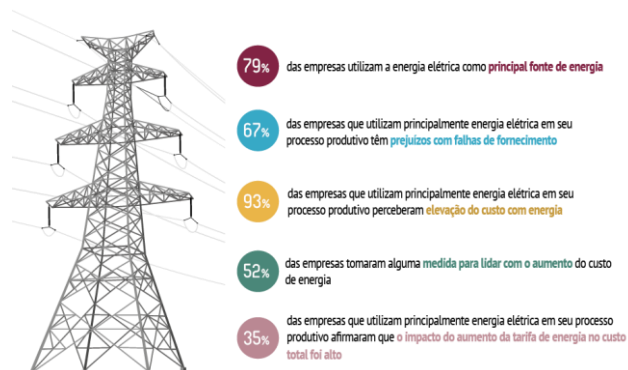
Com as linhas de montagem já bastante aperfeiçoadas, a movimentação de peças é uma das últimas áreas restantes abertas para a melhoria da produtividade. Além disso,

o processo vem se tornando mais complexo porque as fábricas muitas vezes produzem vários modelos em uma única linha de montagem e cada vez mais opções de customização estão sendo oferecidas para seduzir os consumidores modernos.

A meta das mudanças é reduzir o tempo de produção para uma média de 30 horas por carro e a BMW "não está longe disso", disse Zipse, que preferiu não especificar a atual taxa de produção por carro. Na Mercedes-Benz, a produção era de 61 horas por carro, em média, em 2005.

Dois terços da indústria têm prejuízos com falhas de fornecimento de energia elétrica

24/03/2016 - Fonte: CNI



A energia elétrica é um insumo importante para a indústria: quase 80% das empresas industriais a utilizam como principal fonte de energia.

Dessa forma, energia elétrica de qualidade é condição necessária para a competitividade da indústria brasileira.

Contudo, falhas de fornecimento são frequentes e quase 70% das empresas tem prejuízos com essas falhas.

Março 2016

Leia o documento na íntegra acessando - [AQUI](#)

MWM vai exportar motores para a Doosan Infracore

24/03/2016 - Fonte: Usinagem Brasil

A MWM vai exportar motores diesel para a Doosan Infracore, fabricante de motores, com uma linha completa de motores diesel e a gás para ônibus, caminhões, geradores e embarcações. As empresas assinaram na semana passada acordo de parceria estratégica. O objetivo deste acordo é expandir o line up de produtos e a rede de vendas através de uma parceria comercial.

O novo acordo abrange o fornecimento de cerca de 2.500 motores por ano, durante o período de 5 anos. A oferta inicial de motores está prevista para o segundo semestre de 2016.

Os motores serão aplicados em uma nova linha de grupo geradores em diferentes faixas de potência. O motor Acteon 4.8L turbo mecânico será aplicado em 2 faixas de potência sendo: 95kW mecânico (para os geradores de 50Hz) e o propulsor de 118kW (para os geradores de 60Hz). Já o modelo Acteon 4.8L turbo com intercooler também versão mecânico, será aplicado na potência de 118kW (para o gerador de 50Hz) e 139 kW (para o gerador de 60Hz).

"Este acordo é o resultado de um intenso trabalho entre as equipes brasileiras e sul-coreanas e reforça a importância do alto nível de personalização e flexibilidade que a

MWM apresenta aos clientes ao redor do mundo. Estamos orgulhosos e reafirmamos nosso compromisso de oferecer a melhor solução a este importante parceiro.", afirmou Thomas Püschel, diretor de Vendas e Marketing para motores e peças da MWM, frisando que o acordo é uma grande conquista e que contribui para o aumento das exportações da empresa.

"A expansão do nosso line-up, reforçado pelo motor 4.8L, permite oferecer aos nossos clientes uma ampla variedade de motores para geradores com melhor qualidade e serviço", comentou Joon-ho Yoo, vice-presidente Executivo e Head de motores da Doosan Infracore. "A Doosan espera o crescimento dos negócios e sinergia com a MWM não só no mercado sul-americano, mas também no mercado global."

Ajuste de estoques e as exportações elevam confiança do setor industrial

24/03/2016 - Fonte: Instituto Aço Brasil

O ajuste dos estoques e a melhora nas vendas externas, devido ao dólar mais favorável, elevaram a confiança dos empresários da indústria neste mês, segundo a Sondagem da Indústria de Transformação, da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

A prévia do Índice de Confiança da Indústria (ICI) indica aumento de 1,1 ponto em relação ao número final de fevereiro, ao passar de 74,7 pontos para 75,8. Na comparação com março de 2015, o indicador caiu 3,6 pontos.

Para o superintendente adjunto de ciclos econômicos da FGV, Aloísio Campelo, o resultado mostra estabilidade no nível de confiança do empresário. No entanto, considera os dados insuficientes para indicar recuperação sustentável nos próximos meses.

Segundo ele, a alta na prévia foi impulsionada por avaliações menos desfavoráveis da situação atual, mas as expectativas continuam sem melhora significativa.

Na prévia, o Índice da Situação Atual (ISA) avançaria 2,3 pontos, para 79,4 pontos, enquanto o Índice de Expectativas (IE) manteria-se estável no nível mínimo histórico, em 72,6 pontos.

"Se usarmos a prévia no lugar do resultado final, para os dois subindicadores, e calcularmos a média do trimestre, o ISA subiria de 74,4 pontos para 78 pontos; e o IE cairia de 76,9 pontos para 73,5 pontos do quarto trimestre de 2015 para o primeiro trimestre deste ano", afirmou Campelo.

Na prática, o quadro menos desfavorável do cenário atual não foi motivado por melhora nas condições de demanda, mas por ações dos empresários do setor para se adequarem ao atual contexto negativo da economia. Campelo lembrou que a indústria tem promovido ajustes em estoques desde o fim do ano passado, com bons resultados no início deste ano.

A prévia divulgada ontem sinalizou que o nível de utilização da capacidade instalada teria alcançado 74,3%, 0,7 ponto percentual acima do mínimo histórico da série, registrado em fevereiro. Ao mesmo tempo, a desvalorização do real frente ao dólar tem direcionado o interesse do industrial para o mercado externo, porque o mercado interno não mostra reação expressiva de demanda.

"O que a prévia sinaliza não é um surto de 'megaotimismo' mas que [a confiança] saiu do fundo do poço", observou Campelo. "Há alguns elementos que levam a indústria a avaliar o momento atual como um pouco mais favorável no primeiro trimestre ante o quarto trimestre, e identificamos essas duas frentes, de

ajustes de estoques e direcionamento ao mercado externo. O problema é que as expectativas estão muito ruins."

Segundo ele, caso se confirme o resultado para o IE no resultado final da pesquisa, a ser divulgado dia 31, as expectativas do empresariado registrarão o pior patamar da série, iniciada em 2001.

A prévia indica, segundo Campelo, que houve quadro menos desfavorável nos patamares de confiança dos industriais de bens intermediários, não duráveis, bens de capital e duráveis, mas todas influenciadas pela melhora no cenário de situação atual.

Usiminas é reconhecida entre os melhores fornecedores da Toyota

24/03/2016 - Fonte: Instituto Aço Brasil

A Usiminas foi premiada pela Toyota durante o Global Suppliers Convention 2016, evento anual que reconhece os melhores fornecedores da montadora de veículos japonesa em todo o mundo.

O prêmio, recebido pelo presidente da Usiminas, Rômulo Erwin de Souza, foi entregue pelo chairman da Toyota Motor Corporation, Takeshi Uchiyamada, em cerimônia realizada em Nagoya, no Japão.

A indicação da Usiminas para a premiação foi feita pela filial brasileira da Toyota e aprovada pelo comando global da montadora graças ao bom desempenho ao longo do último ano, fruto de uma parceria estabelecida desde que a Toyota iniciou suas operações no Brasil, em 1958.

A sintonia de longa data entre as companhias permite à Usiminas ser responsável pelo fornecimento do aço utilizado pela Toyota nas três plantas brasileiras, localizadas em Idaiatuba, Sorocaba e São Bernardo do Campo, no estado de São Paulo.

Além disso, a Soluções Usiminas, subsidiária responsável pela transformação do aço, processa os produtos destinados às plantas de Idaiatuba e São Bernardo do Campo e entrega à montadora peças que serão transformadas em partes metálicas internas, peças expostas e reforços estruturais de carros da marca.

Em maio de 2015, a Usiminas já havia sido reconhecida pela Toyota na premiação de fornecedores regionais, durante a 13ª Suppliers Conference, em São Paulo. A Usiminas foi a vencedora na categoria Custos, nível Excelência, por exceder as expectativas da Toyota em ideias de redução de custos colocadas em prática.

Entre os pontos trabalhados pela Usiminas para atingir esse grau está a alteração da tolerância de espessura do aço, que possibilitou a redução das espessuras nos produtos fornecidos.

A mudança permite estampar mais peças por peso de aço comprado e reduzir o peso dessas peças, o que propicia a produção de veículos mais leves com menor consumo de combustível e emissão de gases. As reduções de espessura foram realizadas respeitando as tolerâncias exigidas pelo cliente.

Também foram destacados os projetos de homologação de produtos da Usina de Cubatão, que irá possibilitar a redução de custos com logística; e de fornecimento de aços eletrolgalvanizados, com o objetivo de substituir algumas peças de aços por imersão a quente (HDG) e ampliar o portfólio de produtos oferecidos à Toyota.

Conta de luz deve cair 11,5% em junho, diz Copel

24/03/2016 - Fonte: Gazeta do Povo



A conta de luz dos paranaenses deve ficar 11,5% mais barata a partir do fim de junho, quando a Copel passará pelo 4.º Ciclo de Revisão Tarifária. A estimativa é da própria estatal e foi calculada com base em planilhas enviadas pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel).

A revisão tarifária, que a Aneel realiza a cada quatro anos, é um processo mais minucioso que o dos reajustes anuais. Por isso, ainda passará por algumas etapas antes da homologação da nova tarifa.

Além de ser analisada pelo Conselho de Consumidores da estatal, a revisão tarifária também será debatida em audiência pública no mês que vem. "Somente após essas etapas haverá a definição do índice a ser aplicado a partir de 24 de junho", informou a empresa, em nota.

O Conselho de Consumidores é um órgão de caráter consultivo instituído em 1993. Dele fazem parte representantes das classes de consumo (residencial, industrial, comercial, rural e poder público) e do Procon. A lista dos integrantes está disponível no [site da Copel](#).

Disparada

Depois de serem reduzidas por força do pacote de renovação de concessões do governo federal, no início de 2013, as tarifas da Copel – e da grande maioria das distribuidoras do país – sofreram fortes reajustes nos últimos anos.

A tarifa residencial da concessionária paranaense, por exemplo, havia caído 4,2% em meados de 2012 e 18,1% no começo de 2013. Na sequência, sofreu quatro reajustes, três anuais e um extraordinário, nos quais acumulou alta de 104%. Ou seja, o valor do quilowatt-hora mais que dobrou nos últimos três anos.

Em fevereiro, a consultoria TR Soluções estimou que a tarifa média da Copel poderia cair perto de 6% neste ano, sob o efeito de dois fatores principais. Um deles é a redução de 31,5% na Conta de Desenvolvimento Energético (CDE), um encargo setorial. O outro é o término do repasse de reajustes que a empresa não aplicou integralmente em 2013 e 2014 e que foram embutidos na tarifa a partir de junho do ano passado.

A projeção da TR Soluções não inclui as bandeiras tarifárias, cujo valor vem sendo reduzido desde fevereiro e será zerado no início de abril. O fim dessa cobrança e a redução da CDE – que influenciará as tarifas de outras distribuidoras brasileiras, principalmente no Sul e no Sudeste – terão efeito benéfico sobre a inflação, depois de vários anos de forte pressão.

CORREÇÃO: A primeira versão deste texto informava que a projeção de queda de 11,5% na nova tarifa era da Aneel, conforme dava a entender comunicado enviado pela Copel ao mercado. No entanto, o índice de 11,5% foi calculado pela própria Copel com base em planilhas enviadas pela Aneel.

Crise econômica amplia precarização do mercado de trabalho, diz IBGE

24/03/2016 - Fonte: Bem Paraná

Mais de 1,3 milhão de trabalhadores com carteira assinada perderam o emprego no último ano, de acordo com dados divulgados pelo IBGE nesta quinta-feira (24). É o maior número desde o início da série, em 2012, e representa a precarização do mercado de trabalho no país, de acordo com o coordenador da Pnad Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), Cimar Azeredo.

"O aumento do número de trabalhadores com carteira assinada nos últimos anos foi uma das grandes conquistas do país. E uma grande parte da crise atual (no mercado de trabalho) é a perda da estabilidade", afirmou ele.

A estatística considera o trimestre entre novembro de 2015 e janeiro de 2016, quando a taxa de desemprego no país chegou a 9,5%, também a maior da série da Pnad Contínua. Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, a queda do número de trabalhadores com carteira assinada foi de 3,6%.

O contingente de empregados sem carteira também caiu: 5,9%, ou 614 mil pessoas. Como consequência, houve aumento de 6,1% do contingente de trabalhadores por conta própria, que chegou a 23 milhões de pessoas. Estes foram os únicos a apresentar queda expressiva no rendimento, de 4,1%, para R\$ 1.495.

"O mercado de trabalho apresentou um quadro de redução generalizada", disse Azeredo. "Se o cenário econômico não está favorável, isso vai se refletir no mercado de trabalho, podendo levar a um círculo vicioso: menos trabalhadores com carteira, menos rendimento e menos massa salarial", completou.

Outra consequência da queda do emprego formal é o aumento do número de empregados domésticos no país. No trimestre terminado em janeiro, 6,3 milhões de pessoas trabalhavam em serviços domésticos, alta de 5,2% com relação ao mesmo período do ano anterior.

Índice de preços das exportações recua 19,4% em fevereiro, diz Funcex

24/03/2016 - Fonte: Paraná Online

O índice de preços das exportações nacionais, calculado pela Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex), diminuiu 19,4% em fevereiro ante o mesmo mês de 2015, para 105,5 pontos. Ante janeiro, a queda foi de 1,8%; no bimestre a retração chegou a 20% e, em 12 meses, houve recuo de 22,1%.

Conforme a Funcex, todas as classes de produtos apresentaram variação negativa na comparação de fevereiro com o mesmo mês de 2015: básicos (-24,8%), semimanufaturados (-18,9%) e manufaturados (-12,1%). No caso dos básicos, o recuo do índice de preços foi puxado, principalmente, pelas quedas nos preços de exportação de minério de ferro e seus concentrados (-60,0%), óleos brutos de petróleo (-40,7%), açúcar de cana bruto (-17,1%), soja (-12,5%) e milho em grãos (-10,5%).

Já o índice de quantum (quantidade) das exportações brasileiras avançou 37,3% em fevereiro na comparação com fevereiro do ano passado. Ante janeiro, a alta foi de 20,9%; no bimestre, o aumento chegou a 19,6% e, em 12 meses, avanço de 11,3%.

Entre as classes de itens, com base na comparação com o mesmo mês de 2015, a elevação das vendas externas de semimanufaturados foi de 48,9%, nos básicos, de 40,0% e nos manufaturados, de 30%.

A Funcex também informou que o índice de preços das importações feitas pelo País

diminuiu 10,5% em fevereiro na comparação com o mesmo mês de 2015, puxado pelas reduções nos valores de combustíveis (-36,8%), dos bens intermediários (-8,3%) e dos bens de consumo não duráveis (-7,8%). Ante janeiro, o recuo foi de 1%; no bimestre, a diminuição é de 11,4% e, em 12 meses, queda de 12,5%.

Ainda sobre importações, o índice de quantum recuou 23% em fevereiro na comparação com fevereiro do ano passado, com todas as categorias apresentando variação negativa, com exceção de bens de consumo não duráveis, que subiu 7,2%. Bens de capital teve queda de 31,6%; bens intermediários recuou 22,7%; bens de consumo duráveis diminuiu 45,9% e combustíveis teve queda de 18,6%.

No primeiro bimestre de 2016, 25 dos 29 setores apresentaram redução no índice de preços das exportações, dentre eles Extração de minerais metálicos (-46,0%), Extração de petróleo e gás natural (-41,7%) e Metalurgia (-25,2%). Em relação ao índice de quantum das exportações, 24 setores registraram elevação no período. As maiores altas foram nas Máquinas e equipamentos (24,5%), Veículos automotores, reboques e carrocerias (25,8%) e Agricultura e pecuária (59,9%).

Nas importações, no acumulado do ano até fevereiro, o índice de preço registrou queda em 22 dos 30 setores, com destaque para Extração de petróleo e gás natural (-44,9%), Derivados de petróleo, biocombustíveis e coque (-36,5%) e Metalurgia (-17,3%). O índice de quantum importado registrou variação negativa, no acumulado do ano, em 25 dos 30 setores, com retrações superiores a 40% nos segmentos de Metalurgia, Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos e Derivados de petróleo, biocombustíveis e coque.

A Funcex também informou que a cotação do dólar na média diária alcançou R\$ 4,01, alta de 20,5%, na comparação com a média de 2015, e alta de 70,5% em relação cotação média de 2014.

Cobre opera em queda em Londres e em NY com realização de lucros

24/03/2016 - Fonte: Bem Paraná

Os contratos futuros de cobre operam em queda nesta quinta-feira, à medida que os investidores aproveitam a proximidade do feriado prolongado para realizar lucros recentes obtidos com o metal.

Há pouco, o cobre para três meses na London Metal Exchange (LME) caía 1,03%, a US\$ 4.909,50 por tonelada. Na New York Mercantile Exchange (Nymex), o metal para maio cedia 0,67%, a US\$ 2,2205 por libra-peso.

Os preços do cobre vêm abaixo depois de os contratos atingirem a máxima em mais de seis meses durante a semana. Com a agenda fraca e o baixo volume de negociações, os investidores aproveitaram para realizar estes lucros.

"O cobre disparou entre meados de fevereiro e março, e os investidores estão deixando os lucros na mesa", disse Leos Westgate, analista do Standard Bank. "Você tem um pouco de realização de lucros e uma longa liquidação acontecendo antes do final do trimestre."

O cobre ganhou 4,4% neste ano, embora ainda haja temores entre os investidores em relação ao excesso de oferta e a desaceleração da economia da China. O país asiático é o maior consumidor mundial de metais industriais.

O fortalecimento do dólar nesta semana também tem pesado sobre os contratos de cobre, pois eles se tornam mais caros para investidores de fora dos EUA. O índice para o dólar WSJ, uma medida da moeda norte-americana contra 16 divisas, subiu 0,19%, a 87,95 pontos.

Ainda na LME, o alumínio subia 0,03%, a US\$ 1.480,00 por tonelada; o zinco recuava 2,67%, para US\$ 1.785 por tonelada; o níquel operava estável a US\$ 8.635,00 por tonelada.

Redução do emprego é generalizada, diz IBGE

24/03/2016 - Fonte: Paraná Online

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua divulgada nesta quinta-feira, 24, mostrou uma queda generalizada no emprego, disse o coordenador de Trabalho e Rendimento do Instituto Nacional de Geografia e Estatística (IBGE), Cimar Azeredo.

Isso porque houve queda recorde no emprego com carteira assinada, mas também recuo no emprego sem carteira no setor privado. A resposta a esse quadro foi uma alta de 6,1% do número de pessoas trabalhando por conta própria no trimestre encerrado em janeiro de 2016.

O emprego com carteira assinada recuou 3,6% no trimestre encerrado em janeiro, frente ao igual período do ano anterior. Isso significa que 1,318 milhão de pessoas deixaram de ter carteira em um ano, contingente recorde na série histórica iniciada no primeiro trimestre de 2012. Ao mesmo tempo, o emprego no setor privado sem carteira também perdeu força, recuando 5,9% na mesma base de comparação, ou menos 614 mil pessoas.

"O natural é: caiu o emprego sem carteira porque subiu o emprego com carteira assinada. Não é o que está acontecendo. O que a gente está vendo é a queda do emprego formal e do que não é formal. Até mesmo os pequenos negócios ou empresas que não estão registradas estão com dificuldades e apresentando redução em seu contingente de empregados", afirmou Azeredo.

Para o coordenador da PNAD Contínua, a queda na qualidade do emprego é uma das maiores preocupações trazidas pela crise econômica. "O aumento do número de pessoas com carteira assinada foi uma grande conquista do País nos últimos anos. Isso significa garantias como seguro desemprego e fundo de garantia (FGTS). Isso se perdeu em grande parte", disse.

A situação do mercado é tão crítica que no trimestre encerrado em janeiro o IBGE detectou um aumento recorde na população desocupada, que cresceu para 9,623 milhões de pessoas. Isso mostra que além de não reter os empregos temporários geralmente criados em dezembro houve uma dispensa superior a de outros inícios de ano.

Setores

O trabalho na indústria registrou uma queda de 8,5% no trimestre encerrado em janeiro de 2016, ante o mesmo período de 2015. O percentual foi recorde na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua. Ao todo foram cortadas 1,131 milhão de vagas no setor industrial no período, volume também inédito.

O emprego no grupamento Informação, Comunicação e Atividades financeiras, Imobiliárias, Profissionais e Administrativas também teve recuo significativo no trimestre: 7,7%. Na prática isso significou menos 809 mil postos de trabalho.

Para Cimar Azeredo, as demissões nesses grupos preocupam principalmente por se tratarem de áreas que costumam ter maior nível de formalização. "Isso mostra que a redução do número de trabalhadores com carteira assinada pode estar vindo dessas atividades", destacou.

Serviços domésticos

O coordenador da pesquisa chama atenção também para um outro movimento: a retomada do crescimento dos serviços domésticos. No trimestre encerrado em janeiro esses serviços registraram alta de 5,2%, com mais 314 mil pessoas aderindo ao emprego doméstico. A comparação é com o igual trimestre do ano passado.

Com a crise econômica o emprego doméstico voltou a ganhar fôlego nos últimos quatro trimestres, revela a pesquisa do IBGE. O movimento é um retrocesso, já que nos últimos anos o aumento da escolaridade, qualificação e geração de postos de trabalho em outros segmentos estavam dando outras oportunidades a uma camada da população com menor renda e que em geral concentrava os serviços domésticos. "Um cenário econômico ruim traz algumas mazelas. Essa é uma delas", disse Azeredo.

Ao mesmo tempo em que o emprego doméstico subiu, o rendimento médio real habitual nesse tipo de serviço caiu 0,9% no trimestre até janeiro, passando de R\$ 784 para R\$ 777. Segundo Azeredo, isso é ainda mais alarmante por ocorrer a despeito do aumento do salário mínimo.

Esse decréscimo é resultado da perda do poder de barganha dos profissionais domésticos em função do aumento do contingente de pessoas buscando esse tipo de emprego e da queda da renda em geral, impedindo o empregador de pagar melhores salários.

Queda do PIB em Minas é reflexo da menor produção de energia, mineração e retração de setores

24/03/2016 - Fonte: EM.com



Indústria vem encolhendo desde 2011, puxada principalmente pelo segmento da transformação, que encolheu 12,7% no ano passado (foto: RENATO WEIL/EM/D.A PRESS - 10/3/10)

A redução da produção nas usinas hidrelétricas instaladas em Minas Gerais, decorrente de longo período de estiagem, o baque sofrido pela indústria da mineração depois do rompimento da barragem de Fundão, da Samarco, maior tragédia socioambiental do Brasil, a queda na venda de automóveis e do comércio em geral comprometeram o desempenho do estado durante o ano passado.

Em 2015, a economia encolheu 4,9% em Minas, medida pelo Produto Interno Bruto (PIB, a soma da produção de bens e serviços). Foi o pior resultado dos últimos 13 anos, de acordo com os dados divulgados na manhã de ontem pela Fundação João Pinheiro (FJP).

A queda foi mais drástica, frente à retração de 3,8% apurada pelo IBGE para a média do Brasil no ano passado. Dos 11 setores de atividade econômica no estado, 10 tiveram queda (veja quadro), tornando recorde a baixa registrada desde o início da série histórica do levantamento em 2002, destacou Raimundo Souza, coordenador da área de Estudos Econômicos da FJP.

A instituição divulgou os dados a partir de 2003. "No ano passado a ficha caiu de que a crise é maior do que havia se imaginado. O mau desempenho não se deve só à economia. A crise política é a principal responsável pela queda do PIB", completa o pesquisador.

A desaceleração da economia mineira vem sendo observada desde o biênio 2011/2012. O único setor que cresceu em 2015 foi o de serviços imobiliários (1,8%), mas a boa performance não foi suficiente para frear a retração. A queda do PIB de Minas foi puxada pelo encolhimento da indústria, de 9,1%, e dos serviços, de 2,85%. A indústria de transformação puxou o freio, ao recuar 12,7%, seguida da construção civil, que ficou no vermelho, com taxa negativa de 8,85%.



Lama derramada em Mariana, com rompimento de barragem de minério, fez produção despencar 10,7% no fim de 2015 (foto: Jair Amaral/EM/D.A Press - 31/12/15)

O pesquisador Gláuber Silveira, da FJP, lembrou que a queda da produção das fábricas no estado já é registrada há quatro trimestres. A produção de máquinas e equipamentos caiu 38% e a de veículos automotores, 33%. A Câmara de Dirigentes Lojistas de Belo Horizonte (CDL/BH) esperava a retração de 2,8% do comércio e da prestação de serviços.

Em nota, informou que o resultado é fruto do cenário macroeconômico adverso vivido no ano passado, com taxa de juros e inflação em alta, diminuição do investimento produtivo e recuo da demanda internacional pelas commodities (produtos agrícolas e minerais cotados no mercado internacional) mineiras. A entidade credita o mau desempenho ao aumento do custo de vida, que afetou o poder de compra das famílias.

Outro fator determinante, segundo a CDL, foram os juros elevados, que dificultaram o acesso do consumidor ao crédito. "O setor de serviços reflete o que está ocorrendo no país como um todo. É o reflexo do desaquecimento do mercado interno, que depende muito do consumo das famílias", afirma Raimundo de Souza. Verificada desde 2013, a estiagem levou os reservatórios das maiores usinas hidrelétricas a níveis críticos, o que impactou no setor de eletricidade e saneamento, que teve queda de 12,2%.

"Minas é a caixa d'água do Brasil, mas com a seca, em lugar de exportar, o estado teve que importar energia de outras regiões, como do Norte do país", pontua Raimundo.

A indústria da mineração, que está entre os principais setores que sustentam a economia de Minas, sofreu o baque do rompimento da Barragem de Fundão, em Mariana em 5 de novembro. Enquanto a extração de minerais no Brasil cresceu 4,9%, em Minas o setor encolheu 1,1%.

O pior resultado foi registrado no quarto trimestre do ano, quando a tragédia ocorreu. No quarto trimestre de 2015 em relação ao terceiro, despencou 10,7%.

DESASTRE POLÍTICO O vice-presidente do Conselho Regional de Economia de Minas Gerais, Pedro Paulo Pettersen, afirma que a queda do PIB aponta processo de esvaziamento significativo da indústria mineira. A retração nos setores de bens de capital e na indústria automotiva tem efeito cascata. "Vai levar um tempo para a

economia mineira se recuperar. A grande dificuldade é que parte substancial da crise advém da política, sobre a qual não se tem expectativa de solução imediata. A cada momento surge um fato novo. Antes de a economia reagir, é preciso uma alternativa para a crise política.”

Pettersen destaca também a retração no setor de siderurgia, que não consegue aumentar as exportações. “O setor está com grande capacidade ociosa e demitiu muito”, afirma. Glauber Silveira, da FJP, ressalta que não é possível fazer prognósticos de recuperação. As projeções para o ano são de queda do PIB brasileiro em 3,6%, que deverá ser acompanhada pela retração da economia mineira.

Freio nas lavouras do café ao feijão

A falta de chuva, que teve impacto nos reservatórios das hidrelétricas, afetou, também, o desempenho da agricultura. Café, açúcar e feijão, que têm o maior peso no setor, apresentaram quedas, respectivamente, de 1,4%, 2,9% e 11,1% em 2015.

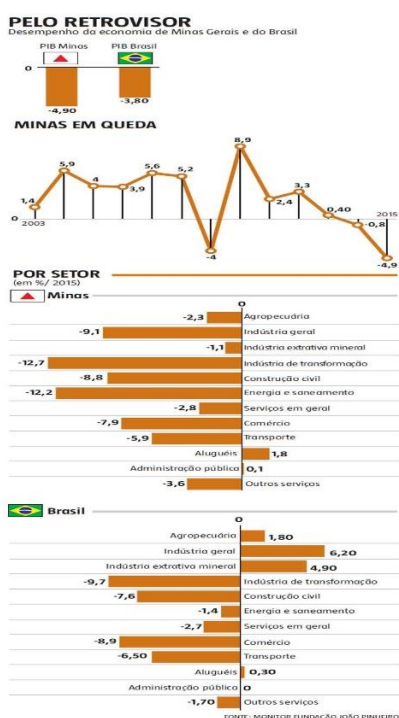
A coordenadora da Assessoria Técnica da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg), Aline Veloso, afirma que a questão climática foi um dos principais fatores para a retração do setor.

“O efeito da seca dentro das propriedades rurais foi severo. Ao longo de todo o ano, vimos a manifestação de produtores. Além dos fatores naturais que influenciaram nas safras, o desempenho aquém também se deve ao preço das commodities no mercado internacional”.

Diversos municípios decretaram estado de emergência devido ao agravamento da crise hídrica. No entanto, Aline lembra que a queda de outros ramos da atividade econômica, como a siderurgia, teve impacto no campo.

A menor produção nas siderurgias levou à retração na silvicultura (produção de celulose, madeira e carvão vegetal). De acordo com a especialista, a Faemg apresentará o PIB do agronegócio, que deverá ser positivo.

Segundo ela, a diferença em relação aos dados da Fundação João Pinheiro se deve às metodologias de apuração dos dados. Enquanto a fundação leva em conta a produção agrícola, a federação considera toda a cadeia produtiva.



Número de empresas criadas sobe 10,4% em janeiro e bate recorde, diz Serasa

24/03/2016 - Fonte: EM.com

Em janeiro foram abertas 166.613 empresas no Brasil, segundo pesquisa da Serasa Experian, o que significa um recorde para o mês. Na comparação com janeiro de 2015 houve alta de 10,4%, enquanto ante dezembro o avanço foi de 48,0%.

Os microempreendedores individuais (MEI) tiveram alta anual de 14,8% na abertura de empresas em janeiro, para 137.301 unidades, o que representa 82,40% do total de companhias criadas no mês. A participação desse tipo de empresa vem crescendo fortemente desde 2010 e em janeiro de 2015 elas representavam 79,2% do total.

De acordo com os economistas da Serasa, o nascimento de novas empresas está sendo determinado pelo surgimento de mais microempreendedores individuais (MEIs) que, em épocas de crise econômica, são caracterizados por pessoas que perdem seus empregos no mercado de trabalho formal e partem para exercer atividades autônomas.

O setor de serviços continuou sendo o mais procurado pelos empreendedores em janeiro, com a abertura de 104.357 novas empresas no segmento, o equivalente a 62,6% do total. Em seguida, com 47.888 empresas, está o setor comercial (28,7% do total). Por fim, foram criadas 13.998 empresas na indústria (8,4% do total).

O indicador revela que, nos últimos seis anos, houve um crescimento constante na participação das empresas de serviços no total de negócios que surgem no País, passando de 53,2% em janeiro de 2010 para 62,6% este ano. Por outro lado, a participação do setor comercial tem recuado gradativamente: de 35,3% em janeiro de 2010 para 28,7%, este ano. Já a participação das novas empresas industriais se mantém basicamente estável.

Para o levantamento do Nascimento de Empresas a Serasa considera a quantidade mensal de novas empresas registradas nas juntas comerciais de todas as Unidades Federativas do Brasil, bem como a apuração mensal dos CNPJs consultados pela primeira vez junto à base de dados da companhia.

CNI: 52% das indústrias buscaram reduzir custos

24/03/2016 - Fonte: DCI



Entre as empresas que utilizam principalmente energia elétrica em seu processo produtivo, mais da metade procurou alternativas para minimizar o impacto do aumento da conta de luz no ano passado.

De acordo com a Sondagem Especial - Indústria e Energia divulgada ontem pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), 52% das 2.876 empresas consultadas tomaram medidas específicas para lidar com o aumento do custo de energia.

A maior parte (71%) programou ações ou programas de eficiência energética. Um grupo de 14% dos entrevistados assinalou "outras medidas", que envolvem corte de turnos e alteração do horário de trabalho para fora das horas de pico. Já o investimento em autogeração foi a terceira medida mais apontada: 10% das empresas.

A eletricidade é a principal fonte de energia para 79% das indústrias, seguida pelo diesel (4%), lenha (3%) e gás (2%).

Impactos

Conforme a sondagem, 94% das empresas em que a eletricidade é a principal fonte para o processo produtivo, o aumento da tarifa impôs impacto significativo no custo de produção. Apenas 2% afirmaram que o impacto foi nulo e outros 2% não perceberam aumento no custo da luz.

A CNI também quis saber como a indústria brasileira lidou com os "apagões". Para 67% das empresas entrevistadas, as falhas no fornecimento de energia (interrupções e oscilações de tensão), causam prejuízos significativos.

Outros 32% indicaram altos prejuízos e 35% assinalaram que os prejuízos são baixos. Para 24% das empresas consultadas, as falhas não causam prejuízos significativos, 5% não se manifestaram e outros 5% afirmaram que nunca tiveram problemas.

"Para a indústria, o maior problema da queda de energia é a paralisação da produção. Dependendo do tipo de empresa e da linha de produção que ela tem, há perdas de matéria-prima, produtos e horas de trabalho. São prejuízos consideráveis, que acabam se revertendo em custos", destacou, em nota, o especialista em Políticas e Indústria da CNI Roberto Wagner Pereira.

Os problemas são mais frequentes no Norte, região onde o percentual de empresas que reclamam das falhas chega a 69%, segundo a pesquisa. Na sequência, vem o Centro-Oeste (55%), Sudeste (49%), Sul (45%) e Nordeste (42%).